



RALPH WALDO EMERSON

POESIA
e
IMAGINAÇÃO



Sumário

[Sumário](#)

[Poesia e Imaginação](#)

[Poesia](#)

[Imaginação](#)

[Veracidade](#)

[Criação](#)

[Melodia, Rima, Forma](#)

[Bardos e Trovadores](#)

[Moral](#)

[Transcendência](#)

[Bibliografia](#)

Poesia e Imaginação

A percepção da matéria fez o senso comum, e por um motivo. Isto foi o berço, o estopim da criança humana. Precisamos aprender as simples leis do fogo e da água; precisamos nos alimentar, nos lavar, plantar, construir. Estes são fins de necessidade, e pioneiros na ordem da Natureza.

Pobreza, frio, fome, doença e dívida são os bedéis¹ e oficiais que nos mantêm presos ao senso comum. O intelecto, rendido a si mesmo, não pode suplantar esta necessidade tirânica. A graça restrita do senso comum é marca de todas as mentes bem fundamentadas - de Esopo², Aristóteles³, Alfred⁴, Lutero⁵, Shakespeare⁶, Cervantes⁷, Franklin⁸, Napoleão⁹.

O senso comum, que não interfere com o absoluto, mas faz as coisas conforme sua ordem - coisas conforme aparecem - acredita na existência de matéria, não porque podemos tocá-la ou conceber sua existência, mas porque ela concorda com nós mesmos e o universo não brinca conosco, pois ele é sério, é o lar da saúde e da vida. Apesar de todos os júbilos dos poetas e dos júbilos dos santos, a pessoa mais imaginativa e sonhadora nunca faz com impunidade o menor erro neste universo particular - nunca tenta acender seu forno com água, nem carrega uma tocha para um moinho de pó. Nem tampouco pega seu selvagem cavalo de

batalha pelo rabo. Não devíamos perdoar a tolice do outro, nem tampouco suportá-la em nós mesmos.

Mas embora lidemos com isso como finalidade, dicas anteriores foram dadas sobre o fato de que não ficaremos aqui, de que precisamos nos preparar para ir – um aviso de que este esplêndido hotel e loja de conveniência que chamamos de Natureza não é definitivo. Primeiro insinuações, depois dicas gerais e cutucões espertos são dados, sugerindo que nada permanece imóvel na Natureza exceto a morte; que a criação está sob rodas, em trânsito, sempre se transformando em outra coisa, transmitindo-se para algo mais elevado; que a matéria não é o que aparenta ser: que a química pode explodir tudo em gás.

Faraday¹⁰, o mais exato dos filósofos naturalistas, ensinou que quando chegássemos às mônadas¹¹, ou elementos primordiais (os supostos pequenos cubos ou prismas dos quais toda a matéria foi construída), não encontraríamos cubos, prismas ou átomos. Nada exceto esférulas de força.

Fora sussurrado que os globos do universo eram precipitações de algo mais sutil; ou melhor, de alguma forma fora sussurrado em nossos ouvidos que encolheram a astronomia até ela se transformar em um brinquedo – isto também não foi uma finalidade; apenas provisório, temporário: que sob a química havia poder e propósito; poder e propósito estão sobre a matéria até o último átomo. Fora embebido em pensamento, todo lugar expressava

pensamento; que, assim como grandes conquistadores queimaram seus navios quando haviam ancorado em seu litoral desejado, a nobre casa temporária da Natureza que habitamos também tem usos temporários e podemos deixá-la algum dia.

A finalidade de tudo é a moral e, portanto, os começos também o são.

Tênue ou sólido, tudo está em voo. Acredito que esta convicção é responsável pelo charme da química - que temos a mesma quantidade em avoirdupois¹² de matéria em um alambique¹³ sem nenhum vestígio da forma antiga; e na transformação animal não é menos, como em larva e mosca, ovo e pássaro, embrião e homem; tudo se despindo e se afastando da sua forma antiga em direção a uma nova forma; e nada é rápido, exceto aquelas cordas invisíveis que chamamos de leis, nas quais tudo é tocado. Então vemos que as coisas usam nomes e aparências diferentes, mas pertencem a uma mesma família: que as cordas ou leis secretas mostram sua bem conhecida virtude através de cada variedade, seja animal, vegetal ou planeta, e o interesse é gradualmente transferido das formas para o método espreiteiro.

Esta dica, embora transmitida, perturba nossa política, comércio, clientela, casamentos, não só, mas também o lado do senso comum da religião e literatura que são todos embasados na natureza pura - no modo mais claro e

econômico de administrar o mundo material, considerado definitivo. A admissão, nunca tão dissimulada de forma que seja uma surpresa, coloca o cérebro mais amorfo em um estado de fermentação: nosso pequeno senhor, de seus primeiros passos cambaleantes, assim que consegue se vangloriar, não gosta de ser cobaia, suspeitar que alguém o está “moldando”, e que com este alerta tudo está comprometido; pólvora repousa de baixo da mesa de café da manhã de todos os homens.

Mas, embora o homem seja surpreendido com esta inspeção mais minuciosa das leis da matéria, sua atenção é voltada para a ação independente da mente; suas estranhas sugestões e leis; certa tirania que brota em seus próprios pensamentos, que têm uma ordem, método e crenças próprios, muito diferentes da ordem que este senso comum usa.

Supondo que, no oceano haja certas correntezas fortes que levam um barco, preso nelas, com uma força que nenhuma habilidade de navegação com o melhor vento e nenhuma força de remos, velas ou vapor poderiam se opor mais do que se opõem às correntes de Niágara. Tais correntezas, tão tirânicas, existem: em pensamentos, estas melhores e mais sutis de todas as águas, que assim que um pensamento começa, ele se recusa a lembrar-se a qual cérebro pertence; qual país, tradição ou religião; e vai rodopiando – nadando alegremente – em uma direção escolhida por ele mesmo, por uma lei de pensamento e não por lei do relógio, da

cozinha ou do comitê do município. Tem sua própria polaridade. Nenhum desses vértices ou autodireções de pensamento são o impulso para procurar por semelhança, afinidade ou identidade em todos os seus objetos, e conseqüentemente nossa ciência, de sua forma mais rudimentar até suas teorias mais refinadas.

A palavra elétrica pronunciada por John Hunter¹⁴ cem anos atrás, desenvolvimento detido e progressivo, indicando um caminho para cima do protoplasma invisível até os organismos mais elevados, deu a chave poética para a Ciência Natural, da qual as teorias de Geoffroy Saint-Hilaire¹⁵, de Oken¹⁶, de Goethe¹⁷, de Agassiz¹⁸, de Owen¹⁹ e de Darwin²⁰ em zoologia e botânica, são os frutos, uma dica cujo poder ainda não está exausto, mostrando unidade e perfeita ordem na física.

O químico mais rígido, o analista mais severo, desdenhoso de tudo exceto fatos concretos, é forçado a manter a curva poética da Natureza, e seu resultado é como um mito de Teócrito²¹.

Todas as multiplicidades se apressam para serem diluídas em unidade. Anatomia e osteologia exibem uma ascensão detida ou progressiva em cada tipo; as formas mais inferiores apontando para as elevadas, as elevadas para as mais elevadas ainda, a partir do fluído em um saco elástico, molusco, articulado, vertebrado, até o homem; como se

todo o mundo animal fosse um museu hunteriano²² exibindo o gênesis da espécie humana.

Identidade por lei, ordem perfeita na física, o paralelismo perfeito entre as leis da Natureza e as leis do pensamento existe. Na botânica temos o gosto, a percepção poética da metamorfose – que o mesmo vegetal, que é a unidade da planta, pode ser transformado em prazer em todas as partes, como bráctea²³, folha, pétala, estame²⁴, pistilo²⁵ ou semente.

Na geologia, uma dica muito útil foi dada aos inquiridores pioneiros ao ver em propriedade do Professor Playfair²⁶ um galho de uma árvore fossilizada, que era madeira perfeita em uma ponta e carvão mineral perfeito na outra. Objetos naturais, se individualmente descritos e sem ligações, ainda não são conhecidos, já que eles são, na verdade, partes de um universo simétrico, como palavras de uma sentença; e se a ordem verdadeira deles é encontrada, o poeta pode transcrever seu significado divino ordenadamente como na Bíblia. Cada forma animal ou vegetal lembra o inferior mais próximo e prevê o superior mais próximo.

Há um animal, uma planta, uma matéria e uma força. As leis da luz e do calor traduzem uma à outra – assim também o fazem as leis do som e da cor; e assim o galvanismo²⁷, eletricidade e magnetismo são formas variadas da mesma energia. Enquanto o estudante pondera esta imensa unidade, ele observa que todas as coisas na Natureza, os

animais, as montanhas, os rios, as estações, madeira, ferro, pedra e vapor, têm relações misteriosas com seus pensamentos e sua vida; seus crescimentos, decadências, qualidades e usos muito curiosamente se assemelham a ele mesmo, em partes e em todos, de forma que ele é compelido a discursar por meio deles.

Suas palavras e pensamentos são moldados pela ajuda deles. Cada substantivo é uma imagem. A Natureza dá a ele, às vezes como uma semelhança lisonjeira, às vezes como uma caricatura, uma cópia de cada humor e tonalidade em seu caráter e mente. O mundo é um imenso livro de imagens de cada passagem da vida humana. Cada coisa que ele observa é a máscara de um homem.

“As partes privadas do coração de um homem

Elas falam e soam em seus ouvidos

Como se lá houvessem ventos barulhentos;

Pois o universo é cheio de seus ecos”.

Toda correspondência que observamos em mente e matéria sugere uma substância mais velha e mais profunda do que ambas estas antigas nobrezas. Vemos a lei abrindo caminho

com brilho, como a sensação de uma ode semi-traduzida de Hafiz²⁸.

O poeta que brinca com ela com a maior coragem melhor justifica a si mesmo; é mais profundo e mais devoto. A paixão acrescenta olhos; é uma lente de aumento.

Sonetos de amantes já são loucos o suficiente, mas são valiosos para os filósofos, como são orações para os santos, por conta de seu potente simbolismo.

A ciência era falsa por não ser poética. Ela assumia que explicava um réptil ou molusco e o isolava – que é o mesmo que procurar por vida em cemitérios. Réptil, molusco, homem ou anjo apenas existem em sistema, em relações. O metafísico, o poeta, apenas vê cada forma animal como um passo inevitável no caminho da mente criativa. O indiano, o caçador e o menino com seus animais de estimação têm um melhor conhecimento destes do que o sábio.

Usamos aspectos de lógica até que a experiência nos coloca sob posse da verdadeira lógica. O poeta conhece o elo que falta pela alegria que ele dá.

O poeta nos dá apenas as experiências eminentes – um deus pisando de pico em pico, sem pousar seus pés em algo além de montanhas.